

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Brasileiro

CLASS. : 138

DATA : 20/10/88

p. 20

# Índios em clima de tensão na mata

SÔNIA ZARAMELLA  
Correspondente

Cuiabá — Ninguém morreu, por enquanto, no conflito de Aripuanã. Até às 16 horas de ontem a versão era de que cinco índios Surui e um cacique Cinza-Larga, conhecido por Roberto Carlos, haviam sido assassinados na reserva Zoró, em Aripuanã, a 1.100 quilômetros de Cuiabá, fronteira de Mato Grosso com Rondônia, onde existe um conflito grave entre índios de cinco tribos da região e posseiros invasores. Entretanto, às 17,30 horas, a versão mudou de forma radical — os índios não foram mortos e o cacique Roberto Carlos chegou a ser visto em Riozinho (RO) que fica próxima à área em conflito. O que aconteceu, na realidade, foi um tiroteio entre índios e posseiros sem mortes.

O desencontro de informações e notícias graves, como de assassinato de índios foi, na verdade, provocado pelo clima de tensão que reina na área dos Zoró, que sofre ainda de carência de comunicação. O Conselho Indigenista Missionário chegou a emitir nota de protesto pela morte dos índios e a relacionar os mortos e desaparecidos. A Funai, de seu lado, também chegou a informar à presidência do órgão em Brasília notícias do assassinato. Para fazer isso, tanto o Cimi quanto a Funai, basearam-se nas informações de índios Surui que, durante o tiroteio, dispersaram-se para a mata e chegaram a Riozinho (RO) na madrugada de ontem na frente dos outros denunciando o ocorrido.

O tiroteio realmente existiu e os brancos com quem os índios trocaram tiros (não se sabe porque) estavam numa camioneta Toyota, conforme relato inicial dos Surui divulgado em Cuiabá. O local onde aconteceu o fato coincide nas duas versões: Os índios estavam se dirigindo para o posto indígena Pakarana, na reserva Zoró. A última versão diz que o atrito começou quando os índios pediram carona ao pessoal da Toyota, supostamente invasores, com quem estão em litígio. Outra informação chegada na noite de ontem é de que tem um jagunço ferido em Espigão do Oeste (RO), também localizada próxima à área Zoró, que, segundo se supõe,

teria participado do tiroteio.

O superintendente da Funai para o Centro-Oeste, Nilson Campos Moreira, que está desde domingo na área acompanhado de agentes da Polícia Federal e funcionários da Funai, deve seguir hoje para a aldeia Zoró. Na segunda-feira, ele manteve contato com os colonos do núcleo Paraíso da Serra com quem os índios estão em conflito. Há denúncia de que seis posseiros estão desaparecidos.

A disputa pela terra na reserva Zoró é antiga e o conflito de agora pode ser considerado o mais grave. Em 1975, o grupo Lunardelli conseguiu da Funai uma certidão negativa de que não existia índios na região para construir uma estrada ligando uma de suas fazendas a Ji-Paraná (RO). Os Zoró só foram contatados na área em 1978 e, em seguida, o Governo Federal baixou um decreto de interdição e determinou que os invasores, que chegaram junto com a estrada, deixassem a reserva, a determinação não foi cumprida e o processo de invasão aumentou estimulando inclusive a criação do atual núcleo Paraíso da Serra, onde vivem 143 famílias de brancos.

O decreto determinando a demarcação da reserva dos Zoró foi assinado pelo presidente Sarney em março do ano passado, depois de várias negociações nesse sentido lideradas pelo cacique Paio, dos Zoró, que fala o tupy-monde e, quando conversa com o branco, usa um intérprete. Depois do decreto da criação da reserva começaram as gestões para retirada dos

colonos da área entre a Funai, o Mirad e a Secretaria de Assuntos Fundiários de Mato Grosso. Três áreas foram apresentadas aos colonos para o reassentamento — a gleba Iriri, o projeto Panelas e o projeto Filinto Muller — mas as negociações não evoluíram.

No último final de semana, Delci Capitani e Paulo Paci, colonos de Paraíso da Serra, estiveram em Cuiabá pedindo ajuda às autoridades policiais do estado e alertando para a ameaça que estavam sofrendo pelos índios. Eles denunciaram que o núcleo foi invadido pelos índios depois que os moradores fizeram um acordo com o cacique Paio, dos Zoró. Há cerca de um mês atrás, através do qual dariam aos índios roupas, alimento e transporte, em contrapartida a autorização dos Zoró para que ficassem na reserva. Feito o acordo, passaram, posseiros e índios, a conviver harmoniosamente, conforme relatou Delci, até a reação iniciada quinta-feira da semana passada liderada pelo Cinta-Larga Roberto Carlos.

A Funai não reconheceu o acordo porque não foi aceito por todo o grupo Zoró. E a união dos grupos da região — Arara, Gavião, Surui e Cinta-Larga aos Zoró — aconteceu porque os índios temem um avanço dos brancos na área. O clima entre os índios é tenso e no núcleo Paraíso da Serra a situação também preocupa. A área indígena na Zoró tem 471.800 hectares, dos quais 15 mil estão ocupados por brancos. Junto à reserva está a área indígena Surui e a área indígena dos Cinta-Larga.

## PF envia dez agentes

A direção geral da Polícia Federal deslocou 10 agentes e um delegado para o município de Aripuanã (MT), para intervir em conflito entre madeireiros e índios das tribos Surui e Cinta-Larga que habitam a Reserva Zoró. O clima na região, segundo informações da Funai, é muito tenso, tendo inclusive gerado notícias de que seis índios teriam sido assassinados a tiros.

O assessor de imprensa da Polícia Federal, Paulo

Marra, informou que os agentes deslocados para a área de conflito se encontram no meio do mato e que as informações sobre os incidentes na região ainda são preliminares.

Nos primeiros confrontos os índios levaram a melhor, prendendo os empregados das madeireiras. No último domingo, segundo informações da Polícia Federal, eles retornaram à reserva, fortemente armados, com intuito de se vingarem.